

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

A PRÁTICA DE LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA UTILIZANDO O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Nilvia Ines de Godoy Gonçalves¹
Silvana Malavasi²

RESUMO

Este artigo é resultado do Projeto de Intervenção Pedagógica do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). O projeto intitulado “A prática de leitura nas aulas de língua espanhola utilizando o gênero textual história em quadrinhos”, usando como exemplo as tiras da Mafalda, do cartunista argentino Quino, foi realizado no Colégio Estadual do Campo Coronel Luiz José dos Santos – EFM, no município de Apucarana-PR, com alunos do 2º ano do curso de língua espanhola do Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM), no ano de 2017. O principal objetivo deste trabalho foi analisar como o ensino e a aprendizagem do gênero história em quadrinhos em língua espanhola pode incentivar a leitura de forma agradável e significativa para o aluno, tornando-o um leitor crítico. A metodologia usada foi o desenvolvimento de uma unidade didática, com atividades que proporcionaram a compreensão da estrutura e dos elementos característicos das histórias em quadrinhos. As atividades realizadas serviram de encaminhamento para a produção final, que constituiu a criação de um personagem de história em quadrinhos. Esses personagens foram reunidos em um gibi, e doados à biblioteca do colégio. Outra etapa foi a realização do Grupo de Trabalho em Rede (GTR) cujos participantes tiveram a oportunidade de conhecer as produções do professor PDE dando contribuições e verificando a viabilidade do projeto. Verificamos que os objetivos foram alcançados, pois os alunos demonstraram interesse, realizaram as atividades e

¹ Graduada em Letras (Português e Espanhol) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul - FAFIJAN. Pós-Graduada em Ensino de Língua Espanhola pela Sociedade Nacional de Educação, Ciências e Tecnologia – SOET e em Gestão e Organização Escolar pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação – ESAP.

² Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Paraná. Professora assistente e coordenadora do Curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Apucarana.

desenvolveram a prática de leitura, interpretação e produção textual. Dessa forma, acreditamos que a proposta contribuiu para a formação de leitores críticos.

Palavras-chave: Incentivo à leitura; histórias em quadrinhos; língua espanhola

1. INTRODUÇÃO

Observamos que no ambiente escolar alguns alunos demonstram pouco interesse em relação ao ensino de Língua Estrangeira Moderna (LEM), por acreditarem ser de pouca importância para sua formação, ou por acharem de difícil compreensão sua estrutura e funcionamento. Desta forma, analisamos que as histórias em quadrinhos, por serem de fácil acesso e por apresentarem linguagem verbal e não verbal, são um instrumento que viabiliza a compreensão da narrativa, pois mesmo que o aluno não compreenda a parte escrita, pode fazer inferências a partir das imagens e do contexto. A esse respeito, Vergueiro (2010b), assinala que,

... a interligação do texto com a imagem, existentes nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos. (VERGUEIRO, 2010b, p.22).

É de suma importância relatar que a leitura é um recurso de inclusão social, indispensável para formar um cidadão crítico, reflexivo, transformador da sociedade em que vive. Nessa ótica, as histórias em quadrinhos contribuem para esta formação, dadas as suas características e potencialidades. Por ser um gênero acessível em Língua Espanhola, possibilita o contato do educando com textos autênticos é de fácil compreensão, pois além de utilizarem uma linguagem simples, possuem imagens em sequências de quadrinhos que auxiliam na leitura do texto.

Os gêneros textuais norteiam o trabalho em LEM e estão elencados nas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) do Paraná, que trazem como objeto de estudo a língua como prática social e a concepção sócio-interacionista da linguagem. O documento aponta que

[...] a pedagogia crítica é o referencial teórico que sustenta este documento de Diretrizes Curriculares, por ser esta a tônica de uma abordagem que valoriza a escola como espaço social democrático, responsável pela apropriação crítica e histórica do conhecimento como instrumento de compreensão das relações sociais e para a transformação da realidade. (PARANÁ, 2008, p. 52)

Desse modo, salientamos que o gênero textual história em quadrinhos vem ao encontro do que prega a DCE, ou seja, é uma ferramenta de auxílio para o professor, na tarefa de incentivar os estudantes à prática de leitura, não somente em sala de aula como também fora dela, desenvolvendo seu senso crítico, sua capacidade de argumentação e de reflexão.

Dessas acepções, podemos dizer que utilizar um gênero textual familiar, bastante acessível, que desperte o senso crítico e a criatividade, auxilia o professor na formação do hábito de leitura de seus alunos. Consequentemente, com a leitura habitual há uma melhora significativa tanto na compreensão do que se lê como nas argumentações das produções.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Importância da leitura

A leitura é uma atividade essencial na vida de todos os indivíduos. É por meio dela que obtemos informações, que entramos em contato com outras culturas, outras realidades e adquirimos conhecimentos de mundo. Podemos utilizar esses conhecimentos como possibilidade de autonomia e emancipação.

Vale ressaltar que as DCE de Língua Estrangeira Moderna contemplam a leitura como essencial para o desenvolvimento intelectual do ser humano e como prática social para a construção do conhecimento. Segundo o documento, por intermédio da leitura é possível transformar, modificar e ampliar a visão de mundo, desenvolvendo o senso crítico, indispensável na

formação do cidadão, fazendo com que ele reflita, concorde, discorde, e se posicione diante do que lê (PARANÁ, 2008).

Sobre esse aspecto, Koch (2011, p.26) afirma que os “[...] textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações, no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza”.

As DCE ainda enfatizam que

Na abordagem de leitura discursiva, a inferência é um processo cognitivo relevante porque possibilita construir novos conhecimentos, a partir daqueles existentes na memória do leitor, os quais são ativados e relacionados às informações materializadas no texto. Com isso, as experiências dos alunos e o conhecimento de mundo serão valorizados (PARANÁ, 2008, p. 64).

A respeito do conhecimento de mundo, Freire (1988) afirma que a leitura de mundo precede a leitura de palavras escritas e que todos trazem experiências de vida para compor esta leitura. Dessa forma, o educador deve incentivar o aluno a fazer uma leitura crítica, trabalhando com sua realidade, com o conhecimento que possui, valorizando sua criatividade, sem tirar deste a responsabilidade na construção da linguagem escrita e também de sua leitura.

Ainda sobre essa questão, Kleiman (1989) diz que todo o conhecimento adquirido ao longo da vida do leitor é utilizado durante a compreensão de um texto. Para essa construção de sentido, interagem os conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo. Devido a estes conhecimentos que se interagem, a leitura é um processo interativo. A autora afirma ainda que sem o envolvimento do conhecimento prévio do leitor não ocorre a compreensão textual. Sobre a compreensão do texto, o linguísta Marcuschi (1988, p.94) afirma que

Na compreensão influenciam condições textuais, pragmáticas, cognitivas, interesses e fatores como conhecimento do leitor, gênero e forma de textualização. Por isso, a compreensão de texto é uma questão complexa que envolve não apenas fenômenos linguísticos, mas também antropológicos, psicológicos e factuais. As inferências lidam com as relações entre esses conhecimentos e muitos outros aspectos.

A partir dessas acepções, podemos concluir que a habilidade leitora é essencial à inserção cultural e social, pois propicia: adquirir conhecimentos; ampliar o conceito de mundo; e compreender melhor a sociedade em que se vive. Tais encaminhamentos tornam os leitores reflexivos e capazes de atuarem socialmente, refletindo sobre questões sociais, culturais e ideológicas, exercendo, assim, sua cidadania.

O trabalho com a leitura deve proporcionar uma busca profunda dos significados, como ler as entrelinhas e ser capaz de entender as ideologias implícitas no texto, de compreendê-las e posicionar-se diante delas. Sobre isto, Solé (1998, p.23) discorre que

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.

Esses procedimentos proporcionam aos educandos uma leitura da realidade que os cerca, contribuindo para a formação de um leitor crítico e ativo, capaz de dominar a linguagem em situações sociais variadas, possibilitando a integração social e a formação para a cidadania. Todavia, para que a leitura se efetive, Martins (1994, p. 83) afirma que ela

[...] deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos. A eles se acrescentariam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas.

A partir desses levantamentos, podemos inferir que o processo de aprendizagem da leitura precisa ter significado para o leitor, para que ele possa se interessar pela leitura de forma agradável. O estudante aprende quando o que se aprende está ligado à sua realidade, ao que é de seu convívio e de seu interesse.

2.2. Histórico das histórias em quadrinhos

Antes da humanidade comunicar-se por meio da escrita, ainda na pré-história, o homem utilizava imagens para registrar momentos importantes da vida cotidiana. Tais representações decorriam por intermédio de desenhos realizados nas paredes das cavernas ou em rochas, as quais ficaram conhecidas como pinturas rupestres. Para alguns estudiosos das histórias em quadrinhos, nas pinturas rupestres temos o início desta arte. Essa afirmação foi constatada na investigação realizada por Iannone e Iannone (1994, p. 10), que assinalam:

Estudiosos apontam as inscrições que nossos antepassados deixaram nas cavernas, no período pré-histórico, como a origem mais remota das histórias em quadrinhos. Talvez a afirmação seja um tanto exagerada, mas o desenho é, sem dúvida, uma das formas mais primitivas de expressão utilizada pelo homem.

É oportuno salientar que as imagens, por muito tempo, foram utilizadas por diversas civilizações antigas para representar acontecimentos sociais, culturais e religiosos. Os egípcios adornavam palácios, monumentos e templos com imagens que representavam fatos relevantes de sua cultura e principalmente as histórias de seus deuses e de seus faraós. Segundo Vergueiro (2010b), outras civilizações agiam do mesmo modo, registrando fatos ocorridos em suas sociedades por meio de desenhos que os representavam.

Com o passar do tempo, alguns povos, como os egípcios e os maias, começaram a introduzir símbolos, na maioria pequenas figuras e sinais, para transmitir informações ou registrar fatos importantes ocorridos. Iniciava-se a criação da escrita com a utilização de ideogramas e hieróglifos. Porém, a este tipo de escrita somente os sacerdotes, membros da realeza, altos cargos e escribas tinham acesso. De acordo com Vergueiro (2010b), na Idade Média, a Igreja Católica valia-se de imagens que descreviam passagens bíblicas para doutrinar os fiéis que desconheciam a linguagem escrita.

Somente com o advento da imprensa que a escrita se expandiu e alcançou outras camadas da sociedade. Segundo Vergueiro (2010b, p. 9), o “[...] nível de abstração entre o objeto e seu símbolo [...] permitiu ampliar [...]”

as possibilidades de composição e transmissão de mensagens e atingir um grau de comunicação que o desenho, isoladamente não conseguia atingir.” Cabe ressaltar que por muito tempo o acesso à escrita foi privilégio de poucos. A grande maioria continuava sem ter conhecimento dessa técnica e, devido a isto, os desenhos e imagens ainda eram utilizados com a finalidade de comunicação.

Especificamente sobre as histórias em quadrinhos, Campos e Lomboglia (1984) escrevem que elas têm sua origem na Europa, após o surgimento da imprensa, que possibilitou unir texto com imagens. Os autores ainda esclarecem:

As origens das histórias em quadrinhos estão na civilização europeia, onde o aparecimento das técnicas de reprodução gráfica proporcionaram a união do texto com a imagem. A ilustração atinge tão depressa a imprensa como o livro. A imagem toma certas características que influenciaram a HQ: o desenho de humor (a caricatura) e os animais humanizados dos contos de fadas, sem dúvida, importantes para a formação das atuais histórias em quadrinhos (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1984, p. 10).

Porém, foi nos Estados Unidos no final do século XIX que as histórias em quadrinhos têm seu lugar garantido na história, alcançando destaque e popularidade. Nasce oficialmente a história em quadrinhos com a publicação de Richard Outcault no jornal New York World, de “Down Hogan’s Alley” que ficou conhecida como “Yellow Kid” (“O menino amarelo”). Iannone e Iannone (1994, p. 32) declaram que “Embora não tivesse chegado ao formato definitivo do comic, Outcault dera um grande passo: seus desenhos já traziam personagens constantes, legendas e, logo, incorporariam os balões com as falas e pensamentos.”.

A partir deste momento, as histórias em quadrinhos se popularizam e ganharam o mundo, com histórias que retratavam o cotidiano familiar. A primeira história em quadrinhos que realmente foi elogiada por um intelectual, segundo Feijó (1997), foi “Krazy Kat”, do escritor George Herriman, que só ocorreu em 1929, quando Gilbert Seldes publicou um artigo elogiando o caráter artístico e intelectual da série. No Brasil, “As aventuras de Nhô Quim” de Angelo Agostini, publicadas em 1869, foi a primeira história em quadrinhos

brasileira. Ela contava as surpresas e desventuras de um homem simples do interior. Ângelo Agostini, italiano naturalizado brasileiro, era caricaturista e ilustrador e, de acordo com Feijó (1997), “[...] participou ativamente da imprensa abolicionista e republicana. Seus trabalhos [...] são objeto de análise de historiadores que se dedicam ao estudo da escravidão, do final do Império e do Início da República” (FEIJÓ, 1997, p. 15).

A primeira revista brasileira de história em quadrinhos a obter sucesso foi a “O Gibi”, criada em 1939 por Roberto Marinho, com personagens variados e cujas histórias tinham continuação em edições seguintes. A palavra gibi era originalmente utilizada para se referir a moleque. “O símbolo da revista era a figura de um menino negro (um gibi como se dizia antigamente) [...] o nome então acabou se tornando sinônimo de quadrinhos no Brasil” (FEIJÓ, 1997, p. 36). Em 1959, Maurício de Souza publica na Folha de São Paulo a “Turma da Mônica”, que se estruturou como indústria dos quadrinhos brasileira. No ano seguinte, Ziraldo Alves Pinto lança a mais brasileira das séries: “A turma do Pererê”. Para Cirne (1975), esta série teve grande importância:

Pererê, de Ziraldo, despontando em outubro/1960, revista mensal da Empresa Gráfica “O Cruzeiro”, a rigor o primeiro grande marco criativo dos quadrinhos brasileiros, e – em termos comparativos – uma obra tão importante quanto o cinema de Glauber Rocha, o romance de Guimarães Rosa ou a poesia de Oswald de Andrade, apresentando estórias do mais puro dimensionamento estético (CIRNE, 1975, p. 11).

O autor ainda enfatiza que, a partir da década de 60, multiplicaram-se as publicações e os personagens brasileiros, destacando-se o Pererê, de Ziraldo, que mais tarde cria outra série de sucesso: “O Menino Maluquinho”. No entanto, “Ziraldo confessa que o Pererê deixou de circular em 1964 por questões econômicas, já que os materiais das outras revistas ‘O Cruzeiro’ chegavam [...] ao Brasil por preço de banana” (CIRNE, 1975, p.15).

O fato é que as histórias em quadrinhos surgiram nos jornais e com o passar do tempo foram ganhando autonomia, devido ao grande sucesso alcançado entre seus leitores, sendo publicados em gibis, revistas, livros e veículos midiáticos. Tornaram-se um dos mais importantes veículos de comunicação de massa, com uma linguagem própria, com uma série de signos

inovadores. Posteriormente, o cinema, a televisão e a publicidade incorporaram as histórias em quadrinhos em suas produções.

2.3. Histórias em quadrinhos e ensino

São inúmeros os gêneros textuais disponibilizados para o trabalho com a leitura. Porém, as histórias em quadrinhos, por abordarem temas do cotidiano dos alunos e por serem acessíveis (não são publicações caras), se mostram uma ferramenta capaz de despertar o interesse e o gosto pela leitura, podendo ser um incentivador para outros tipos de leituras tanto dentro do ambiente escolar como fora dele. Sobre a leitura, Feijó (1997, p. 14) realiza as seguintes argumentações:

O que é leitura? É uma atividade de percepção e decodificação de símbolos, integrando diversas informações para captar uma mensagem. A leitura é aplicável a textos, mapas, partituras musicais, diagramas, etc. Para ler textos, você interpreta palavras e frases. Para “ler” uma arte sequencial, é preciso interpretar imagens e sequencias de causa e efeito.

Por isso, há a necessidade de conhecer o gênero textual com o qual se trabalha, haja vista que facilita o entendimento do texto, aguça os conhecimentos prévios que contribuem para uma melhor compreensão textual, facilitando fazer as inferências. Sobre este assunto, discorre Bakhtin (1997, p. 285) que:

Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, tanto mais descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular de comunicação, em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Conforme os dados acima, constatamos que o trabalho com a leitura por intermédio do gênero textual história em quadrinhos favorece o desenvolvimento da capacidade de apreensão dos textos, contribuindo para uma leitura crítica, reflexiva e estimulante. Sobre essa questão, Vergueiro (2010b, p. 24) escreve que:

[...] os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, completando em sua mente os momentos que não foram

expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico. Além disso, as histórias em quadrinhos são especialmente úteis para exercícios de compreensão de leitura e como fontes para estimular os métodos de análise e síntese das mensagens.

Vale ressaltar que as histórias em quadrinhos, por ser um gênero conhecido, de fácil acesso e com o qual os jovens se identificam, é um forte aliado no processo educativo. Assim, entendemos que sua utilização no processo de ensino e aprendizagem melhora o desempenho dos alunos, propiciando uma participação efetiva nas aulas, motivando o aprendizado e auxiliando no desenvolvimento do pensamento crítico.

Destacamos que a utilização das histórias em quadrinhos como recurso pedagógico é defendido por Vergueiro (2010b), que discorre sobre algumas razões para o seu uso no ambiente escolar, como:

os estudantes querem ler esse gênero; interligação de palavras e imagens são mais eficazes no processo de aprendizagem; os quadrinhos apresentam um nível alto de informações, abordam variados temas e podem ser utilizados em várias áreas do conhecimento; a familiaridade com os quadrinhos ampliam os meios de comunicação dos estudantes; colaboram com o desenvolvimento do hábito da leitura; enriquecem o vocabulário; estimulam a imaginação e o pensamento lógico; são veículos globalizadores e possibilitam, com seu uso, a incorporação entre as várias áreas do conhecimento; pode ser utilizada em todos os níveis da educação e com diferentes temáticas (VERGUEIRO, 2010b, p. 21-25).

De acordo com o autor, as histórias em quadrinhos constituem uma boa ferramenta de trabalho didático, por fazer parte do universo dos estudantes e principalmente porque podem ser adquiridas por um baixo custo, sendo assim, acessível a todos. Quanto à sua utilização no ensino, Vergueiro (2010b) menciona que o professor precisa conhecer efetivamente o gênero, suas principais características e peculiaridades, bem como saber ao menos um pouco sobre sua evolução histórica, sobre os seus principais representantes, e sobre onde estão disponíveis.

É um fato inquestionável que jovens leitores se encantam com as narrativas das histórias em quadrinhos e com seus personagens, afirma Mendonça (2008). Este fato se dá pela leveza dos textos em quadrinhos, que proporcionam uma leitura descontraída e prazerosa. Ainda segundo a autora,

uma entrevista realizada com alunos do ensino fundamental de colégios públicos e privados demonstrou a preferência desses estudantes pela leitura do gênero história em quadrinhos sobre os demais, fato que demonstra bem a popularidade deste gênero que consegue atingir um público heterogêneo, nas mais variadas faixas etárias.

As histórias em quadrinhos são capazes de divulgar valores e questões culturais, que não somente serão assimilados, mas também avaliados e contestados. Assim, a utilização desse gênero no ensino faz com que os alunos tenham um melhor rendimento escolar, tornando as aulas atraentes e conseqüentemente possibilitando melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, Calazans (2004) defende que as histórias em quadrinhos podem ser usadas em todos os níveis de ensino e que um de seus maiores méritos é propiciar a união do conteúdo ao entretenimento, o que facilita sua utilização em sala de aula, pois desperta a atenção dos estudantes.

Nos dias atuais, há certo preconceito sobre o uso das histórias em quadrinhos no ensino. Muitos profissionais da educação acreditam que este é um gênero de baixa qualidade para fins educacionais. Porém, observamos que se bem utilizados, podem contribuir para a melhoria do trabalho pedagógico. De acordo com Eisner (1989, p. 8),

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual.

Podemos observar que a leitura de histórias em quadrinhos exige habilidades de interpretação não só verbais como também visuais e que exigem do aluno um esforço mental para compreendê-la. Assim sendo, são ferramentas didáticas para o trabalho em sala de aula com a leitura.

2.4. Características do gênero história em quadrinhos

A respeito do gênero história em quadrinhos, destacamos que é uma forma de arte que conjuga linguagem verbal e visual, que se interagem e não podem ser pensadas separadamente. Tem por objetivo narrar histórias dos mais variados estilos e temas. Na interpretação de Mendonça (2009), as histórias em quadrinhos se caracterizam como

[...] um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo, cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. Com elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal (MENDONÇA, 2009, p. 215).

Vale ressaltar que “As tiras são um subtipo de HQ; mais curtas (até quatro quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (‘capítulos’ de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia)” (MENDONÇA, 2009, p. 214). Em relação às temáticas, as tiras podem abordar situações cotidianas e os aspectos sociais, políticos e econômicos da sociedade.

Dessa forma, as histórias em quadrinhos são marcadas por uma historicidade, que não se configura apenas ao nome recebido, mas ao conteúdo e expressões abordadas no gênero. Sobre os nomes, ressaltamos que, ao longo dos anos, o gênero recebeu várias denominações como: história em quadrinhos ou HQ no Brasil; banda desenhada em Portugal; *bande dessinée* na França; *comics* nos Estados Unidos; *fumetti* na Itália, *tebeos* na Espanha; *historietas* na Argentina; *muñequitos* em Cuba e *mangá* no Japão.

Elucidamos que os autores das histórias em quadrinhos foram desenvolvendo e aplicando elementos que, com o passar do tempo, foram integrados às suas produções. Alguns desses elementos foram criados no ambiente dos quadrinhos e outros foram inspirados em outros meios e formas de expressão. Sobre essa questão, Vergueiro (2010a) afirma que o cinema foi o meio que mais emprestou recursos de linguagem aos quadrinhos, pois ambos sempre estiveram próximos devido ao fato de terem surgidos na mesma época, final do século XIX, e por possuírem a preferência do público. Por outro lado, as histórias em quadrinhos têm características próprias que ajudam a diferenciá-las de ilustrações comuns.

Contudo, enfatizamos que criar uma história em quadrinhos de sucesso requer do desenhista certo dom artístico, muita atenção nos detalhes, domínio do desenho e da escrita e, principalmente, muita criatividade. Na interpretação de Eisner (1989, p. 145), “O modo como o artista ‘vê’ a vida e os objetos com os quais tem de lidar constitui o núcleo da técnica que emprega”. Dessa forma, podemos dizer que as histórias em quadrinhos são marcadas pelas intencionalidades do autor, que por sua vez estão relacionadas aos acontecimentos de cunho socioeconômico, político e cultural.

3. DESENVOLVIMENTO

A implementação pedagógica do projeto deu-se no Colégio Estadual do Campo Coronel Luiz José dos Santos com uma turma de 18 alunos do 2º ano do curso de língua espanhola do CELEM. Para o trabalho pedagógico foi elaborada uma unidade didática no segundo semestre de 2016, com o intuito de direcionar as atividades que foram desenvolvidas no 1º semestre de 2017.

O gênero abordado foi histórias em quadrinhos que contemplou três unidades apresentando atividades diferenciadas. Na primeira unidade, foram elaboradas atividades que possibilitaram o reconhecimento do gênero, assim como dos personagens das tiras da Mafalda do cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino. Na segunda unidade foram abordados os elementos das histórias em quadrinhos (quadro ou vinheta, onomatopéias, tipos de balões, legenda, rabicho, linhas cinéticas, metáforas visuais, expressões faciais, ângulos e planos de visão) e atividades de compreensão textual. A terceira unidade foi direcionada à produção de histórias em quadrinhos.

3.1. Desenvolvimento das atividades

A introdução ao estudo do gênero deu-se por meio de uma conversa com os alunos sobre o que é uma história em quadrinhos, quais eram as conhecidas, se tinham alguma favorita, que autores e personagens conheciam. Foi feito um levantamento a respeito das características e estrutura desse gênero. Após esta conversa, foi oferecido aos alunos um questionário para verificar o conhecimento prévio a respeito do tema proposto.

Após termos realizado o trabalho de conhecimento textual do gênero em questão, foram distribuídos aos alunos livrinhos da Mafalda para que eles pudessem manusear e realizar a leitura das tirinhas e anotar as peculiaridades do gênero. Foi um momento de reflexão e aprendizado. Os alunos perceberam, em suas leituras, as características do gênero e também as dos personagens, seus comportamentos, atitudes e modos de ver o mundo.

Realizado o reconhecimento do gênero história em quadrinhos, foi trabalhado o histórico das tirinhas da Mafalda, para que os alunos conhecessem e se familiarizassem com os personagens e pudessem compreender melhor as situações comunicativas abordadas. Foram entregues questões de compreensão textual para verificar o que tinham se apropriado dos textos trabalhados.

Na segunda unidade, foram estudadas as características e os elementos do gênero textual história em quadrinhos. Além dos elementos característicos desse gênero, foram propostas questões de leitura e compreensão textual de diversas tirinhas da Mafalda, sempre com questões argumentativas e críticas que levavam os alunos a refletir e a se posicionar diante do texto.

Após cada leitura realizada, eram levantados questionamentos que abriam debates e reflexões a respeito do que foi lido. Assim, os alunos agiram como sujeitos ativos e participativos no processo de leitura, expondo suas ideias, ideologias e visões de mundo.

Os elementos visuais e verbais presentes nas histórias em quadrinhos são capazes de transmitir valores, ideologias, mostrar aspectos sociais e culturais de uma determinada sociedade, além de contribuir para o desenvolvimento das capacidades de analisar, interpretar e refletir, uma vez que a imagem aliada ao texto favorece a um melhor entendimento.

As atividades desenvolvidas serviram para a apropriação da estrutura e dos elementos característicos das histórias em quadrinhos, bem como para oportunizar aos estudantes fazerem inferências dos textos trabalhados, refletindo e posicionando-se diante deles. Estas atividades serviram de encaminhamentos para a produção final que se constituiu na criação de um personagem próprio, assim como de uma história em quadrinhos, que foi impressa, formando, assim, um gibi que foi doado à biblioteca do colégio para a apreciação dos demais alunos. Para tanto, foram realizadas diferentes

atividades, como: leituras individuais, leituras coletivas, pesquisas orientadas na internet, vídeos, produção de cartazes, produção de quadrinhos, entre outras.

3.2. Grupo de Trabalho em Rede – GTR

O Grupo de Trabalho em Rede (GTR) é uma etapa do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) e visa socializar, interagir, discutir, trocar experiências e verificar a viabilidade das produções elaboradas pelo professor PDE na Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná, em um ambiente virtual.

Iniciamos o Grupo de Trabalho em Rede com vinte inscritos, tivemos dois ausentes e dois desistentes. Concluímos o curso com dezesseis cursistas. Nesse ambiente, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer o Projeto de Intervenção Pedagógica, bem como a Produção Didático-Pedagógica. Através dos Fóruns, os cursistas puderam expor suas opiniões, dar sugestões, apontar os pontos positivos e negativos das produções, interagir com os colegas e com o tutor.

O momento de compartilhar experiências durante a realização do GTR foi positivo, pois percebemos que nossas angústias são as mesmas de outros profissionais que atuam em outros municípios de nosso estado, como o desinteresse dos alunos pela leitura, a falta de recursos didáticos, a falta de comprometimento dos alunos pelo ensino e aprendizagem, e principalmente o esforço em manter os alunos interessados pelo curso para não haver muitas desistências.

A participação dos professores foi válida, pois suas contribuições foram de grande valia para o aperfeiçoamento do trabalho apresentado e também contribuíram dando sugestões de atividades envolvendo o gênero história em quadrinhos.

Os cursistas compartilharam do pensamento que as histórias em quadrinhos podem contribuir para o desenvolvimento e o aprimoramento das práticas discursivas tornando a aprendizagem significativa para os alunos, sendo capazes de despertar o gosto pela leitura, não somente do gênero em questão, como também de outros, lembrando que este era o principal objetivo de nossas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de leitura em língua espanhola por meio das histórias em quadrinhos tornou as aulas atrativas e motivadoras, pois este gênero teve grande aceitação por parte dos alunos.

O trabalho com as tiras da Mafalda permitiu aos alunos fazerem inferências nos textos trabalhados, refletirem sobre os temas abordados, e perceberem as ideologias presentes. Esses temas deram margem para debates onde os alunos puderam expor suas opiniões e visões de mundo.

Tendo em vista estes fatos, podemos dizer que os objetivos propostos foram alcançados e que as histórias em quadrinhos podem tornar as aulas de língua espanhola mais interessantes para os alunos e que as tiras da Mafalda contribuíram para uma leitura crítica e analisamos que é uma excelente ferramenta para despertar o gosto pela leitura.

No entanto, mesmo diante dos resultados positivos, notamos que alguns fatos atrapalharam o andamento das atividades de implementação, como o período do GTR que ocorreu concomitante, além das atividades rotineiras das demais turmas que também necessitavam de atenção e dedicação. Foi um período muito atribulado.

Percebemos também que houve uma certa dificuldade por parte dos alunos, nos primeiros trabalhos com a leitura, de conseguir ler as “entrelinhas” presentes nas tiras da Mafalda. Ficavam somente no que estava explícito, tínhamos que instigá-los a fazerem uma leitura mais profunda dos textos. Porém, no decorrer da implementação essa dificuldade foi sanada.

É importante que o professor tenha o desejo de inovar, de buscar novas estratégias de ensino e aprendizagem, possibilitando a construção de conhecimento de seus alunos, de procurar sempre formas de dinamizar o seu trabalho pedagógico, enfim, que ele não se acomode. Neste ponto, o PDE nos possibilitou retomar os estudos nas Instituições de Ensino Superior (IES), rever nossas ações, trocar experiências com outros profissionais da educação, assim contribuindo muito para a melhoria de nossa prática pedagógica.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CALAZANS, Flávio. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque; LOMBOGLIA, Ruth. HQ: uma manifestação de arte. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1984.

CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

EISNER, Will. **Quadrinhos e a arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1988.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1989

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

PARANÁ, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica: Língua Estrangeira** Moderna. Curitiba: SEED, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOZA, Alexandre; RAMOS, Paulo; Túlio Vilela; RAMA,

Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010a. p. 07-29.

_____. O uso das HQS no ensino. In: BARBOZA, Alexandre; RAMOS, Paulo; Túlio Vilela; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010b. p. 31-64.